

A GRANDE MOSCA NO COPO DE LEITE

Moreira Campos

Ela já confessara na delegacia o roubo das jóias: o rico solitário, a pulseira fornida de bom ouro português e a placa de platina cravejada de brilhantes.

— Uma fortuna! — garantia a velha, indignada, na sala do apartamento.

— Além do valor estimativo, titia.

— Sem dúvida. Estimativo.

Dizia que o solitário lhe tinha sido dado pelo marido quando completaram bodas de prata. E as outras jóias também marcavam datas:

— Porque o meu Laureano sempre foi dadivoso e comemorativo.

— É. Titio era assim.

A velha enxugava o canto do olho com os dedos, quase todos eles marcados por grossos anéis, enquanto as pulseiras se amontoavam no braço flácido. Havia pausas na conversa. Alguém perdia os olhos na réstia de sol sobre o tapete. A preta velha cozinheira trouxe a bandeja com café.

— E uma menina! Não tem vinte anos talvez — insistia a velha.

— Fez vinte e um o mês passado — esclareceu a preta, que mantinha a bandeja nas mãos.

— Ou isso. Vinte ou vinte e um. É a mesma coisa.

Acrescentava-se ainda que era criatura sem vida, apagada, de poucas palavras, embora excelente copeira. Não recusava serviço.

— Mas sonsa — teimava a preta.

O cunhado da velha, judicioso, reafirmava na poltrona:

— Ninguém conhece ninguém.

— Exato. Nunca esperei isso dela. Já fazia quase dois anos que estava com a gente.

O filho da velha, casado, encarregava-se das diligências. Uma chatice. Ter que deixar de lado os trabalhos no escritório de advocacia, um mundo de coisas a fazer. Aborrecia-se com a própria mãe:

— A culpada é a senhora mesma. Deixa as jóias aí em qualquer canto. É porque tem muitas.

— Não diga isso, menino. Estavam na gaveta da penteadeira. Guardadas.

— Que nada!

A mulher dele pedia-lhe calma, e que soubesse respeitar a mãe:

— É sua mãe, meu filho.

— Sei. E quem é que não sabe disso?

Falou com os dois agentes, prometendo-lhes uma boa recompensa.

— Deixe com a gente, doutor.

— Confio.

Já agora certa curiosidade dele: conhecer o submundo, os métodos da polícia. Abandonava o escritório e corria à delegacia. Insistiu em assistir aos castigos infligidos à copeira, embora o delegado (tinham sido colegas na faculdade) o tivesse aconselhado a afastar-se: a meia dúzia de bolos com a palmatória pesada, o tapa que o agente ruivo, o mais diligente, lhe aplicara no rosto, onde ficaram as marcas dos dedos e o corte provocado pelo grosso anel com cabeça de leão. Ela apenas tinha os olhos úmidos e estriados, numa concentração de ódio, limpando as gotas de sangue com os dedos:

— Vocês podem me matar, mas não roubei.

Roubara, sim. Confessou-o. E disse ainda que vendera as jóias no mercado, não sabia a quem, mas conhecia o homem, a banca onde trabalhava. Muitas mentiras e contradições. Diligências inúteis. O homem não foi encontrado nem a possível banca. Talvez tivesse mudado de ponto ou viajado. Dizia agora que não vendera as jóias. Entregara-as ao namorado, que também não existia.

— Mas foi a ele que entreguei.

— Cínica!

O próprio agente ruivo garantia ao filho da velha que ela, naquele seu jeito desenxabido e calmo, era mulher dura:

— Tem raça, doutor. Tem raça.

— Também acho.

— Mas no pau-de-arara ela dá o serviço.

Quis assistir também ao novo método. Ficou aguardando no corredor. Quando entrou na sala ela já estava nua e suspensa no ar, pernas e braços amarrados a uma barra de ferro. Despejavam-lhe água nas narinas. Sufocava-se, debatia-se. Havia alguma demora. Impeliam-lhe o corpo com energia. Ela tomava algum alento e podia rosnar:

— Já disse tudo. Me matem!

O agente ruivo garantira que na terceira tentativa ela confessaria tudo. Engano. O moço excitava-se muito, ia e vinha ao longo da sala, repetia cigarros. Pediu que parassem:

— Por favor.

O agente o fez de má vontade:

— Foi por isso que eu disse ao senhor que não viesse.

— Por favor.

Excitadíssimo. E já agora o dominava a grande revelação, totalmente inesperada sob aquele vestido ralo e barato, sandálias japonesas gastas, que ainda se amontoavam a um canto da sala: a nudez do seu corpo moço e alvo, onde o sexo avultava com força, exuberante, o ventre batido. A grande mosca no copo de leite. Foi a imagem que teve e que o perseguia em casa, na rua, na consulta aos papéis no escritório, intrometia-se entre os processos, o arrazoado para defesa do cliente, presente à xícara de café que lhe trouxera o bói, ao cigarro que acendia: a grande mosca no copo de leite. Deixava o escritório, parava o carro sob a tamarineira, comprava os sanduíches no bar da esquina e ia levá-los à delegacia.

No apartamento, confessava à mulher a sua revolta diante dos processos da polícia, ao que sabia: os bolos, as agressões, a tortura a que eles chamavam de pau-de-arara. Tinha minúcias. Não que tivesse assistido (fazia questão de frisar bem este ponto) a qualquer dessas coisas:

— Mas sei.

A mulher também se exaltava, com grande indignação:

— Para mim isso é uma monstruosidade.

O melhor seria soltá-la. As jóias estavam perdidas. Podia mesmo haver escândalo, chegar ao conhecimento dos jornais. A velha mãe lamentava a perda das jóias, mas concordava.

Foi feito o pacote das poucas roupas e pertences que ela deixara no apartamento, o rádio de pilhas. Ele voltou à delegacia, retirou a queixa, preencheram-se formalidades, foi liberal com os agentes, que o procuravam sempre no escritório.

— Obrigado, doutor.

— De nada. Vocês fizeram muito.

— Qualquer outro servicinho...

— Sei, sei.

Combinara com ela levá-la até a estação rodoviária, para que viajasse para a sua terra. Ela o esperaria no bar da esquina. Comprou-lhe a passagem, deu-lhe algum dinheiro e o pacote de sanduíches para a viagem. Despediram-se, olharam-se com alguma demora, e ela podia sorrir. Mais uma vez os olhos dele a despiram: a nudez plena, alva, moça e forte, a grande mosca no copo de leite. Chegou a esquecer o local onde estacionara o carro. Parou para orientar-se e teve necessidade de mais um cigarro.